

Brasil - Economia

BOLSAS	BOVESPA	GLOBAL 40	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na sexta (em %)	Índice da Bovespa (em %)	Título da dívida externa brasileira, na sexta (em R\$)	Sexta-feira (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)	Turismo, venda (em R\$) na sexta-feira	Na BM&F, o grama (em R\$)	IPCA do IBGE (em %)
+1,22	+0,47	47.174	47.926	05/março 2,03	2,840	R\$ 46,500	Novembro/2006 0,31
				09/março 2,02	(▼ 0,25%)	12,38%	Dezembro/2006 0,48
				10/março 2,02			Janeiro/2007 0,44
				11/março 2,03			Fevereiro/2007 0,44
				12/março 2,03			Março/2007 0,37

## CONJUNTURA

Promessa de boa convivência entre Mantega e Meirelles pode se romper na quarta-feira, quando o Copom anunciará redução de apenas 0,25 ponto percentual da Selic. Ministro da Fazenda torce por mais ousadia

# Corte minguado

131

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

**A** reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que começa amanhã e termina na quarta-feira, será o primeiro grande teste do acordo de boa vizinhança firmado, por determinação do presidente Lula, entre o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e o ministro da Fazenda, Guido Mantega. Ainda que todos os sinais emitidos pelo BC indiquem que o corte da taxa básica de juros (Selic) será de apenas 0,25 ponto percentual, dos atuais 12,75% para 12,50% ao ano, muita gente anda se perguntando como reagirá Mantega diante de tal decisão.

Em viagem aos Estados Unidos, onde participou da reunião de Primavera do Fundo Monetário Internacional (FMI) e se encontra hoje com representantes de algumas das mais importantes agências do mundo de classificação de risco, o ministro procurou manter-se distante dos debates públicos sobre o Copom. Entre seus auxiliares mais próximos, porém, fez questão de expressar o desejo de que o BC surpreenda o país com uma redução maior dos juros. Motivos para isso, segundo Mantega, não faltam. Ao contrário da reunião de março, quando o Copom definiu a Selic em meio à uma turbulência internacional, todos os indicadores do mercado apontam para um céu de brigadeiro que há tempos o BC não via.

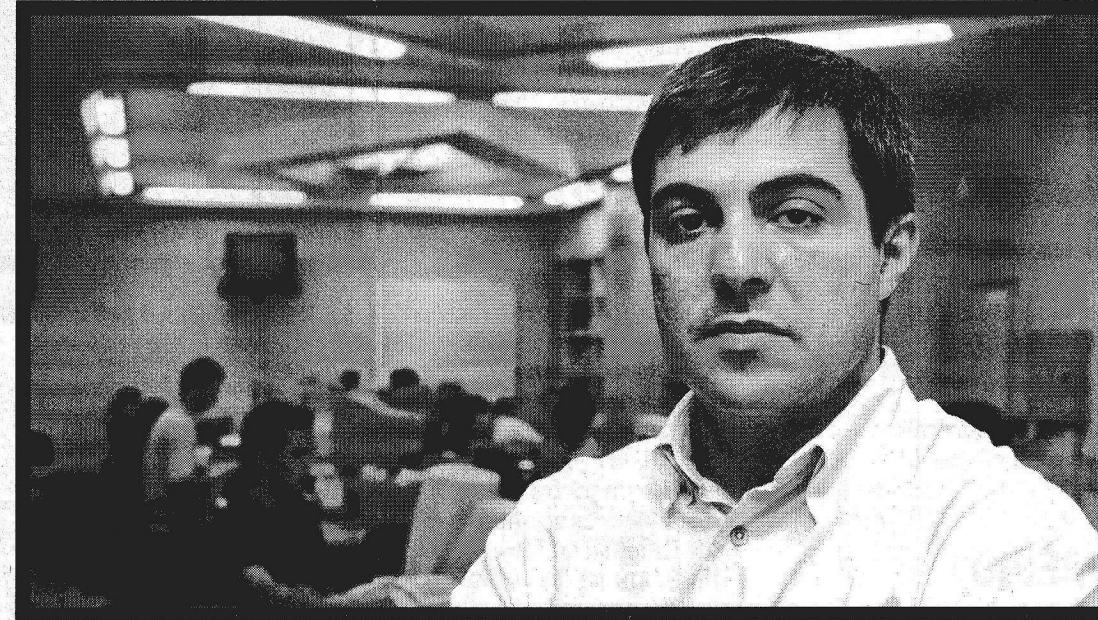
A inflação acumulada nos 12 meses terminados em março ficou abaixo de 3%. O fluxo de dólares para o país está cada vez maior e, a qualquer momento, os preços da moeda americana podem

romper o piso psicológico dos R\$ 2. As reservas cambiais brasileiras estão próximas dos US\$ 115 bilhões e o risco-país, que mede o humor dos investidores estrangeiros, desabou para os 154 pontos, o menor nível da história, abaixo, inclusive, da média dos países emergentes (158 pontos). Diante dessa conjunção de fatores, comentou Mantega com assessores, o Copom bem que poderia se adequar à realidade e cortar a Selic além do 0,25 ponto sentenciado pelo mercado financeiro.

Mesmo entre os analistas do mercado, há os que vêem espaço para mais ousadia por parte do BC. "Que os juros podem cair 0,50 ponto, não há dúvidas", destaca Roberto Padovani, economista-chefe do Banco WestLB. "Em março, a média do risco-país foi de 185 pontos. Neste mês, está em 155 pontos. A taxa de câmbio também mudou de patamar e vem influenciando as projeções de inflação, que estão em queda. Por esses aspectos, o BC poderia dar um corte mais elevado nos juros", frisa. "Mas, para manter a coerência do discurso e o temor de não gerar ruídos, o Copom reduzirá a Selic em 0,25 ponto."

Para Joel Bogdanski, economista do Banco Itaú, a despeito do cenário favorável da economia, o BC se deparou com novas incertezas provocadas pela revisão do Produto Interno Bruto (PIB). Como a série atualizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é composta por apenas 28 trimestres, as projeções de inflação usadas pelo Copom já não dão a segurança do passado. "Portanto, o melhor é continuar com a flexibilização gradual dos juros e cortá-los em 0,25 ponto", ressalta.

Nilton Fukuda/Diário de S. Paulo/Agência O Globo - 28/12/01



PARA ROBERTO PADOVANI, DO WESTLB, JUROS PODERIAM CAIR ATÉ 0,50 PONTO. MAS BC MANTERÁ COERÊNCIA DO DISCURSO